1.º ANNO — Sabbado, 16 de maio de 1908 — Numero 13

O DEMOCRATA

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

DIRECTOR E REDACTOR
DR. ANDRÉ DOS REIS

REDACÇÃO—Rua Direita n.º 40

REDACTORES
Albano Coutinho, Dr. Fernandes Costa e Dr. Samuel Maia

ADMINISTRADOR
BERNARDO TORRES

ADMINISTRAÇÃO—Praça do Commercio

ASSIGNATURAS
Anno (Portugal e colonias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 »
Trimestre . . . . 300 »
Avulso . . . . 30 »

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA
Composto e impresso na Typ. Minerva Central de Jose Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 20 réis
Repetições . . . . 15 »
ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

MAIS UM PARTIDO?

Adhesões republicanas que brotam, simples e espontaneas, do norte ao sul do paiz, factos palpitantes de vivissima eloquencia, demonstrando que o partido republicano é já hoje uma grande força nacional, estão fazendo vêr aos monarchicos que os *erros que de longe veem*, como disse o fallecido rei D. Carlos, prepararam ao regimen um viver angustioso e difficil.

Assim, ao passo que os rotativos, fingindo-se esquecidos dos aggravos passados, quebram hoje lanças flammejantes na sua imprensa e offerecem a vida pelo joven monarcha, a alta burocracia, os membros endinheirados da finança e os elementos catholicos de elevada cotação dão-se as mãos e annunciam a proxima fundação d'um centro monarchico que terá de ser em breves dias o melhor esteio da monarchia em Portugal.

Temos, talvez, sahido dos salões e das sachristias, mais um partido em scena, ao que se vê, que se propõe amparar o regimen e quiçá anniquilar o partido republicano. Quem sabe mesmo se as trombetas de Oliveira d'Azemeis não seriam já o signal de alarme para a hecatombe que nos espera?!

O que pretendem então os senhores monarchicos? Darnos uma constituição como a de 1822, obra dos jacobinos que tinham á frente o vulto grandioso de Fernandes Thomaz? N'essa constituição, a monarchia não entra, como na carta de 26, e em geral na dos governos constitucionaes, como um elemento: é uma tradição, uma instituição a que por conveniencia se conserva uma vida emprestada.

O rei não póde impedir as eleições de deputados, oppôr-se á reunião das côrtes, prorogal-as, adial-as, dissolvel-as, protestar contra as suas decisões, impôr tributos, suspender magistrados, prender cidadãos, alienar territorios, abdicar a corôa, sahir do reino, tomar emprestimos, commandar a força armada (tit. 4.º, cap. 1.º, art. 124 e 125).

N'esta constituição quasi republicana, o que póde o rei? Nada, ou quasi nada.

Mas por isso mesmo que n'ella se reconhecia quasi amplamente a soberania do povo, commettendo-se apenas o grande erro de transigir com a entidade «rei», não tardou que a *Villa francada* désse a victoria ao partido reaccionario da côrte, capitaneado pela rainha D. Carlota Joaquina, e que a obra dos patriotas de 20 não tivesse até hoje quem a fizesse vingar.

Ora, o novo partido, que arvora o pendão monarchico, naturalmente bordado a ouro pelas damas da alta aristocracia, que tanto se evidenciaram na acclamação de D. Manoel, poderá ter muitos adeptos, muitos fidalgos, muitos conselheiros, mas o que, de certo, não tem é foros authenticos de reformador para dar ao paiz uma constituição democratica como a de 1822.

As suas tradições, as suas velharias, o seu espirito liberticida e reaccionario, manifestado em tantos factos da vida constitucional do nosso tempo, não nos auctorisam a esperar do novo partido senão a continuação do que na linguagem correntia dos servidores da monarchia se accordou chamar «o engrandecimento do poder real».

Pois nós, senhores monarchicos de Oliveira d'Azemeis, e senhores socios do grande Centro realista de Lisboa, queremos o engrandecimento do poder popular, e não arreâmos bandeira, nem nos intimidâmos com as vossas ameaças e com os vossos vivorios.

O partido republicano continuará na brecha a luctar pelo seu ideal, e o que pretende é que haja liberdade para todos, de modo que, á propaganda monarchica, possa oppôr, em todos os campos de combate leal, a propaganda republicana, fazendo vêr aos que n'este comenos tanto a peito tomam os interesses da monarchia, a que andam ligados, bem o sabemos, os seus proprios interesses pessoaes—que um povo cessa de ser livre no momento em que se faz substituir por um poder infantil, estranho e privilegiado.

ALBANO COUTINHO.

A *Vitalidade* de sabbado, dando noticia do obito de Alvaro de Mello, diz que este sympathico academico, cuja memoria respeitamos, *falleceu com surpreza*.

Que um cidadão qualquer *vá a Evora* **pouco** *antes de morrer*, não é caso para estranhar, admiramos sim haver pessoas que falleçam *com surpresa*.

SYMPHONIA DE MAIO

Os jardins estão cheios de rosas, que os beijos quentes do bom Sol creador fizeram abrir n'um espasmo voluptuoso de petalas

As andorinhas, chegadas ha pouco, emigrantes dos tropicos, crusam o céu azul em vôos rapidos, gazeando alegremente, como namorados que vem passar a lua de mel ao suave clima das nossas campinas onde os trigaes verdes germinam.

E os fructos nos pomares, mal desflorados ainda, crescem por entre as folhas dos ramos, cuja sombra cobre, á hora da sesta, os trabalhadores dos campos, tisnados pelo calor e pelo pó fertil da terra.

Que idyllios amorosos, pastoris e campezinos, não terá escutado este alegre mez de Maio á sombra hospitaleira das arvores, ou, á tardinha, ao largar do trabalho na faina dos campos, quando o som nostralgico das Ave-Marias fende o crepusculo melancholicamente?...

Que doces e poeticos oarystos, balbuciantes amavios de corações, não o terão tido por confidente amavel, escutando e sorrindo ao som das cantigas que, entre duas enchadadas, vão cantando os namorados com a toada pastoril da *Ribaldeira?*...

Esses teus olhos, menina
Hão-de ser os meus peccados...

Ainda hoje os ouvi cantar e, na luz alacre do Sol que enchia de vida as coisas e as almas, eu lembrei-me do costume medieval, e que os camponezes da velha Lorena conservam, plantando, á porta das namoradas ao alvorecer do primeiro dia do mez, uma arvore—*o maio*—engalanada de fitas e malmequeres, de rosas e lindas joias, n'uma dôce adoração de tributo pantheista.

A trigueirinha serrana, ou a camponeza gentil, á porta da qual era plantada, teria de regar todos os dias, ao abrir da flôr rubra da Aurora a arvore symbolica, para que ella crescesse, creasse fundas raizes, como o amor no coração do Bem-Amado, que havia de esposar, quando ella florescesse em nova Primavera, como a Chloris terna ao Zephiro amoroso, que os antigos hellenos n'este mez tambem adoravam.

Mas, esses ingenuos e poeticos costumes d'um pantheismo biblico vão esquecendo e hoje sómente a *apanha da espiga* em quinta-feira da Ascensão os faz recordar, com as merendolas á beira dos caminhos, ás sombras das arvores protectoras, guarda-soes espontaneos da previdente Natureza, com cantigas á desgarrada pelas estradas fóra, acompanhadas pelo *chan-chan* das violas, e com idyllios de onde os beijos brotam como as flôres vermelhas do trevo.

* * *

Uma das mais bellas consagrações d'este mez foi a que em 1323, na velha cidade de Tolosa, em França, effectuaram os trovadores, instituindo os *Jogos floraes*, em que eram distribuidas flôres de prata e ouro aos que mais faziam brilhar a inspiração do seu estro, nos rimances amorosos d'esse tempo, e a que mais tarde, em 1490, o bello espirito da linda Clemencia Isaura havia de dar novo incremento, consagrando parte da sua fortuna a esse *Collegio da alegre sciencia*, como então lhe chamavam.

De toda a parte os trovadores se dirigiam a Tolosa e, quantas aventuras os surprehenderiam pelo caminho, cantando sob os balcões floridos os olhos lindos das castellãs, á luz suave do luar, emquanto a aragem mansa levava para o largo o echo perdido das amorosas estrophes e lhes fazia adejar, tenuamente, a pluma branca dos seus gorros de troveiros don-juanescos?!...

Mas, positivamente, os leitores do *Democrata* não quererão que eu lhes falle unicamente dos tempos idos, apesar da subtil poesia da lenda que os veste, como a gaze diaphana da saudade, nevoa branca, quasi dizia luminosa como uma Via lactea, em que a alma se perde.

Mas, que querem?...

N'este jardim da Europa á beira mar plantado, como dizia o poeta, tudo são flôres n'este mez e prefiro fallar antes das que alegram os campos, sejam os brancos malmequeres das almargens, as sanguineas do trevo nas veigas vicejantes ou mesmo das amarellas, quentes, dos tojos das congostas do que das *flôres da rethorica nacional*, desfolhando-se agora nas duas Camaras do paiz, rubras se brotam dos labios dos nossos paladinos republicanos, de côr indecisa se afloram á bocca dos dissidentes, amarellas se caiem dos raros beiços franquistas ou nacionalistas e... mascavadas se é a maioria governamental que as desfolha, mas que já nos vão ficando por *um conto e duzentos*, por anno, na pensão á viuva Hintze, agora votada no parlamento, ficando á bica a do Conde de S. Januario.

Seja tudo pelo *amor de Deus!*...

SAMUEL MAIA.

De relance

Avança impetuosa, fremente d'enthusiasmo, a propaganda republicana, e das numerosissimas adhesões que, dia a dia, engrossam as fileiras do partido, algumas teem tão alto valor, que já produziram os effeitos naturalmente previstos.

Esses effeitos foram o alarme nos arraiaes monarchicos, onde todos repousam descuidados á sombra nefasta da mancenilha do analphabetismo. D'ahi a azafama com que alguns oradores de maior ou menor nomeada se arvoraram em defensores do throno, para irem pelo paiz pregar ás multidões a superioridade do existente sobre o que ainda se não conhece na pratica e que, por pessimo que seja, ha de indubitavelmente trazer-nos vantagens muito apreciaveis, arrancando-nos ao marasmo, que nos definha aviltando-nos, emendando muitos erros e remediando muitos *males que longe vêm*.

E' tarde para conjurar o perigo que ameaça de destruição e anniquilamento a obra maldita dos venaes e dos accomodaticios.

Os apostolos novos das velhas doutrinas, falhos de auctoridade, quando fallam ao povo, limitam-se a intimidar uns com a descripção tetrica, horripilante da revolução e a provocar n'outros o riso com alguma facecia de antemão escolhida para desviar a corrente das ideias que lhes ameaçam o futuro e que já vão calando fundo em todos os espiritos. Nada mais.

A terra escolhida para o inicio das *missões* politico-monarchicas, foi a garrida villa nossa visinha —Oliveira d'Azemeis, em 26 de abril ultimo. Houve sessão solemne na camara municipal presidida por um velho conselheiro, seguindo-se-lhe o annunciado cortejo, que depois de percorrer algumas ruas, terminou na praça José da Costa, onde teve logar um comicio algum tanto concorrido, tendo os oradores merecido o applauso da *claque*.

No dizer de gazetas suspeitas, essa manifestação de decidido apoio ás instituições vigentes, foi grandiosa e sobretudo significativa, por que fez vibrar a alma popular.

A alma popular!...

Realmente por seu mal, o povo, o pobre pária que trabalha de sol a sol para alimentar os insaciaveis vampiros do seu sangue, ainda corre a foguete e ainda adora o zabumba.

Ora os srs. parochos e os srs. regedores encarregaram-se de espalhar pelas aldeias a alegre nova de que na villa haveria festa rija: galhardetes e flamulas tremulando ao vento em vistosos mastros enramados de verdura, sete musicas pelo menos e fogo de dynamite, muito fogo.

Se o dia se tem apresentado de melhor aspecto ao clarear da madrugada, Oliveira teria desbancado em concorrencia de forasteiros, a propria Lisboa nas festas com que lá foi recebido em tempo o soberano de Inglaterra ou o presidente da republica sranceza.

Ha annos vimos nós todas as principaes ruas d'essa linda villa, n'um dia de festividade em honra d'uma santa, a regorgitar de gen-

te, de modo que se tornava quasi impossivel o transito.

Foi a crença religiosa que attrahiu ali aquella multidão compacta? Não. Foi apenas o desejo de gosar as harmonias das melhores musicas do paiz e de admirar a *chuva* de variegadas côres do fogo de Vianna do Castello.

Tambem agora não foi a fé monarchica que para lá encaminhou o povo: foi o foguete, foi o zabumba!

*

Deixe-se o governo de comicios,—o governo ou os partidos rotativos, que vem a ser a mesma coisa.

Para que o throno possa resistir ainda por alguns annos aos abalos com que o vulcão das ideias novas o vae sacudindo, é necessario, é indispensavel e urgente que o paiz se veja administrado com justiça, moralidade e economia. Vida nova em todo o sentido.

N'esse campo é que a propaganda monarchica deve operar.

Mas quer-nos parecer que será tão impossivel a vida nova com gente velha, como é impossivel endireitar a sombra da vara torta.

E senão, veremos.

(Povo da Murtosa).

O nosso collega *Campeão das Provincias* chamou *divisa do perdão* á regia corôa que se encontra na bandeira nacional. *Divisa do perdão* não está mal agarrada!

Ha divisas de anspeçadas, ha divisas de cabos e ha divisas de sargentos. Agora ficamos sabendo que tambem ha *divisas de perdão*.

Nós chamar-lhe-iamos *symbolo da realesa*. Seja, porém, uma ou outra coisa, no fim dá tudo certo.

LISBOA, 11 de maio

Não ha duvida que este bello cantinho da Europa está sendo fertil em ridiculo por parte de quem nos governa!

A insensatez campeia desenfreadamente dentro dos arraiaes monarchicos.

Em vão procuramos saber quem nos governa!

Sabemos unicamente que existem, no poder, sete automatos, em atitude de cataventos, e d'uma energia anemica sem precedentes.

E a conclusão, que tiramos de tudo o que se está passando é: que governa quem quer, e não quem deve.

Se o governo se sente incompetente para resolver a crise terrivel, que por culpa das politiquices réles atravessa o Paiz em todas as direcções, por que não deixa o Poder?!

Bastantes provas tem dado da sua incompetencia governativa, como de sobra nos provou tambem a sua fraqueza moral.

Nada de util fez ainda desde que subio ao poder, só pensando em conspirações, em toda a parte vendo Buiças, tremendo ao simples zumbido d'uma inofensiva mosca!

Prevenções tolas a cada momento,provocadas por qualquer anonymo de mau gosto, as quaes só servem para dessocegar os espiritos fracos, redundando n'um grave prejuizo para o commercio, que se debate, desesperadamente, n'um apertado circulo de interesses.

A isto chegamos; e d'aqui não sahiremos, emquanto o Povo se não dispozer a intervir energicamente para retirar das mãos perdularias d'um regimen carunchoso, o governo d'esta pobre Nação, que não merece pelo seu passado glorioso, que o seu nome seja arrastado, como um pandeiro velho, no lodaçal dos interesses pessoaes.

Como já disse, tudo manda!

O Senhor Vilhena—que não é governo—pede que o Rei saia para a rua, que elle se encarregará de velar por Elle, garantindo a inviolabilidade da sua existencia.

Ora o Senhor Vilhena, sabe que ninguem faria mal ao infortunado Rei, já attendendo á irresponsabilidade proveniente da sua edade e educação, já pela indole pacifica de este Povo, que sabe muito bem quando, e a quem, tem que pedir contas do nosso mal-estar crescente.

Logo o Senhor Vilhena, faz politica com os sentimentos populares, como o quiz fazer com o 2 de Janeiro, unicamente para—elevar-se.

E dá-se tudo isto emquanto a Nação suffoca, pobre victima d'um regimen de esbanjamentos e corrupções!

Pensam em salval-a? Não!

Unicamente envidam todos os esforços para salvar o regimen, não olhando aos meios que se empreguem, sacrificando interesses nacionaes em proveito d'uma carta privilegiada, despotica por principio, absurda por conveniencia.

Que triste situação a nossa perante o estrangeiro que nos olha com um mixto de dó, e de—cubiça.

E como é triste tambem vêr os destinos d'uma Nação entregues nas mãos d'uma creança, a quem uma carabina servio de degrau para trepar ao logar que, de direito, só pertence ao Homem que pelo seu trabalho, intelligencia, e prestigio, mereça a justa recompensa de presidir aos destinos d'uma Nação.

E' triste! E' réles!

IGNOTUS.

Um monarchico, dirigindo-se a sua ex.ª o snr. presidente da Camara: «V. Ex.ª póde dar os *vivas* a el-rei, lá da janella da Camara. Hão de ser correspondidos, creia, porque temos aqui cem *cabeças de pau* pagas a 300 réis cada uma!»

Veridico. Isto é que é espontaneidade! O snr. presidente, porém, não caiu na *esparrella*.

Admira-se muita gente do fervor monarchico ultimamente demonstrado por varias senhoras e meninas, que não perdem occasião de, por todos os modos e feitios, procurarem robustecer o regimen, quer mendigando votos nas eleições, quer acenando lenços á passagem dos cortejos reaes.

Não me parece que haja motivo para espantos. Essas senhoras e essas meninas defendem, na realidade, o seu governo,—e como poderemos censural-as por uma defeza tão natural dos seus interesses politicos?

Com effeito, as instituições em Portugal representam hoje,—o quê? O predominio, o governo do Estado confiado a quem nem sequer tem a capacidade necessaria para interferir com o seu voto no governo de qualquer Estado.

E' rei de Portugal um menor que, se não tivesse nascido nos paços regios nem mesmo a si proprio se deveria governar. Falta-lhe a edade legal para ser eleitor duma simples junta de parochia, e todavia occupa o logar que deveria occupar o primeiro eleito da nação.

Junto do novo monarcha, influenciando na magistratura suprema do paiz, quem encontramos? Duas senhoras, que poderão ser muito intelligentes e muito dignas, mas que, como mulheres, tambem não teriam, pelas leis do paiz, a menor interferencia legal nos negocios publicos.

Que admira, pois, que este monarcha e sua familia sejam os favoritos das mulheres e das creanças, isto é, de quem meramente representa, um nullo valor politico, segundo as normas que regem os authenticos regimens representativos!

Tal é a situação de Portugal. Quem não póde affirmar a sua vontade, quem não póde escolher o regimen que deseja, quem não governa o paiz, é precisamente esta entidade,—o cidadão portuguez, homem, maior, legalmente investido no goso de todos os direitos civicos que lhe deveriam assegurar uma legitima e verdadeira soberania.

O governo da nação, o governo de homens livres está na mão das mulheres e das creanças.

MAYER GARÇÃO.

A *Vitalidade*, em tempo, protestou contra o facto de alli perto do jardim publico se haver queimado grande quantidade de foguetes de dynamite. Agora, no dia 6, a dynamite estoirou para ahi a valer, teve as *honras* da festa.

Como o festejo era da *acclamação* e estavamos em tempo de *accalmação*, talvez o facto não lhe causasse maiores reparos.

Espinho, 7 de maio

O partido republicano em Espinho, soffreu na ultima semana, uma perda irreparavel. Falleceu Carlos Evaristo, um dos mais prestimosos membros da Commissão Municipal Republicano, individualidade destacando pela sua superior illustração, integridade de caracter e predicados de coração que o tornaram querido dos correligionarios e adversarios. Não tinha inimigos. Era um primoroso artista photographico — mas artista na verdadeira e sublime aplicação do termo.

Cultivava tambem com rara distincção a pintura e, tanto n'um como n'outro ramo artistico,eram primorosos os seus trabalhos. A critica imparcial, alguns elogios lhe dispensou e em certamens de especialidade alguns premios, justamente merecidos, obteve.

O seu funeral realisou-se no sabbado passado e constituiu como que uma apoteotica manifestação de pesar. No funebre cortejo incorporaram-se todas as pessoas de distincção que aqui existem, tendo vindo muitos correligionarios de fóra.

—Sabemos que as Commissões Republicanas, promovem uma manifestação, visitando a sua campa no 30.º dia do seu passamento.

GASTÃO DE LIMA.

A monarchia trouxe á larga a sua canzoada em a noite do dia 6. Um pobre desgraçado, que teve, oh, grande crime! a ideia de victoriar Antonio José d'Almeida, na occasião em que a *sumptuosa marche aux flambeaux* passava na rua José Estevam, foi aggredido á dentada no labio inferior, alli mesmo nas barbas da policia! Safa!

Chronica de Cacia

—Ora *biba* lá, oh! *ti Atoino*! *Intão cumo* vae isso?

—*Dês* te salve, oh! Manél! Atão já estás de *bolta*?

—E' *berdade, ti Atoino! Chiguei honte.*

—*Nan bens* mal, *nan*, a *respêto* de saude. Mas *afenal* p'r'ó que bieste? *Nan* te accomodaste lá por esses Brazis?

—Lá de saude *nan* é a falta, *ti Atoino*. Aquillo por lá *inté nan* é mau agora. A *questan* é *oitra*... Assim ella pudesse *armediar-se*...

—*Atão* que foi isso *home?!*... *Assuccedeu-te* alguma *disgracia?*

—E *nan* é pequena, *ti Atoino!* Que *maór disgracia* pode *acuntecer* a um *home* que ter *bendido os tarécos* p'r'a ir p'r'ó Brazil a *bêr* se arranja alguns *bintens* e o descanço p'r'á *belhice* e *nan* ser bem *assuccedido!?*

—*Atão Dês nan* t'ajudou por lá?

—Nem raça, *ti Atoino*. Gastei o dinheirinho que *lebaba*, passei fome *qu'inté estibe casi* a *esterlicar* e *nan* arranjei aonde ganhar a *bidinha*.

—Bem nos diz o senhor Prior que a Republica *disgraçou* o Brazil!...

—Já as gazetas qu'eu tenho *oibido* lêr *nan* resam assim.

—Ora deixa lá, rapaz! Antigamente era raro o patricio que *nan* trazia o seu *bintem*. Agora

---

Folhetim d'O DEMOCRATA

CARTILHA DO POVO

POR

JOSÉ FALCÃO

Encontro de João Portugal com José Povinho

(Continuação do n.º 12)

José Povinho

E' da Republica que eu queria que me falasses; mas dize-me primeiro: se o Povo paga tantos tributos ao Estado, deve o Estado fazer grandes serviços ao Povo.

João Portugal

Esganas-te. O Estado só dá ao Povo tres coisas:—a cadeia, o quartel e o hospital.

José Povinho

Mas é preciso haver cadeia para os criminosos.

João Portugal

De certo; mas os ricos e os que mandam só prendem os criminosos, quando são pobres. Os ricos nunca vão á cadeia; só se fôr algum amigo do Povo, algum defensor da Republica.

José Povinho

Os quarteis tambem são precisos. Pois onde se haviam recolher os soldados, quando vão servir a Patria?

João Portugal

Já te disse que os nossos filhos não pegam em armas para ir defender a Patria, porque eram poucos para isso. Os nossos filhos vão para obrigar o Povo a pagar ao rei, á rainha, aos principes, aos ministros, e a milhares de comedores. Mais logo te contarei por miudo toda esta comedela, e todo este roubo. Ai! a nossa desgraça! E a nossa miseria é sermos tão enganados pelos malvados mandões, que nos vêm tirar os filhos de casa, dar-lhes armas, polvora e bala, para nos obrigarem á força a pagar tantas decimas, se as não quizermos pagar ao bem. Os malvados fazem dos nossos filhos os nossos verdugos. E tudo para viverem á nossa custa uma vida regalada.

José Povinho

Já vejo que o unico beneficio, que nos fazem, é levar-nos para o hospital.

João Portugal

E' verdade; mas triste de quem lá morre, que lhe vão retalhar o corpo no theatro anatomico. Os medicos estudam as suas sciencias no corpo dos cães vadios, e nos cadaveres dos que morrem no hospital. O pobre em vida é um escravo, em morto é um cão sem dono.

José Povinho

Se todos pudessemos ser eguaes; se o mesmo trabalho desse a todos o mesmo ganho; se todos pudessemos ter as mesmas horas de descanço, depois das mesmas horas de fadiga, então é que o Povo seria feliz! Dize-me? como é que o Povo sendo composto de tanta gente é governado e roubado pelos mandões, que são tão poucos em comparação?

João Portugal

Para te não estar a moer muito com historias do passado, vou contar-te as manhas, os enganos e os crimes de que elles se servem para continuarem a governar e a viver á custa da Nação.

D'aqui a pouco ha eleições para deputados. Os deputados, depois de eleitos, sustentam ou derrubam os ministros; os ministros só teem o poder quando os deputados os apoiam, e quando o rei os deixa ter o poder na mão. Para os deputados approvarem os actos do governo ha um meio muito simples: é escolher para deputados homens sem consciencia, dispostos a approvar todas as patifarias que forem rendosas para os ministros e para o rei.

José Povinho

Mas como é que o governo encontra tantos deputados, sem honra nem vergonha, para lhe approvarem os seus escandalos?

João Portugal

Como? comprando-os.

José Povinho

Mas os deputados são escolhidos entre pessoas graúdas: juizes, lentes da Universidade e das Escolas, que occupam grandes logares, engenheiros, grandes capitalistas, homens ricos, advogados de fama, officiaes do exercito, emfim tudo gente importante.

João Portugal

Pois todos esses figurões se vendem ao governo. O juiz quer uma comarca mais rendosa. O lente quer passar em Lisboa vida regalada, e abandona a sua cadeira, se as côrtes estão abertas, porque estão abertas, e em se fechando as côrtes ficam por lá em commissões, onde nada se faz e vão cobrando o ordenado sem trabalhar. Os empregados vão dar o voto a favor do ministerio, para em paga receberem empregos ainda melhores. Os engenheiros querem todos ser directores de obras publicas, e apanhar as grandes pastas das secretarias em Lisboa. Os grandes capitalistas vendem-se ao governo, para terem os contractos dos caminhos de ferro, construcção de navios, e grandes negociatas em que fazem boa comedela, e tudo á custa da nação.

Os homens ricos, e que não precisam vender-se por um emprego, vendem-se por um titulo de visconde, ou querem vir a ser pares do reino, para serem uns reisinhos na sua terra, e despacharem para bons empregos os filhos, os parentes, os amigos e os sabujos que lhes fazem a côrte.

é o que se *bê!* E p'los módos *bae* cada *bêz* a peor.

—*Nan* digo que *nan*. Mas *tambêm* a *berdade* é que, de tantos companheiros de *biage* que eramos, *intalianos*, *allamões* e francezes, só eu e *oitros* portuguezes *cumo* eu, *nan* conseguiram arrumo?!...

—Essa agora?!...

—E' *cumo le* digo, *ti Atoino!*

—*Atão* porquê, *home!*

—Ora porquê! Por *nan* sabermos lêr nem *escreber*. Em toda a parte os patrões *prêguntavam* as *habelitações* que tinhamos, se sabiamos lêr e *escrebêr*, e *cumo* dissessemos a *berdade nan* nos *quijêram* accomodar. Agóra é qu'eu *bêjo* a falta que fazem as lettras!...

—Ora deixa lá, *home! Cantos brazileiros* ha p'r'ahi na nossa freguezia bastante *ricoiços* que só *despois* das *fertunas fêtas* é qu'*aprunderam* a ler?... Eu cá *nan sê* nada, mas elles *acando* foram p'ra lá sabiam tanto *cumo* eu, ou *inda* menos.

—Isso foi tempo, *ti Atoino!* *Nan* havia *oitra* gente no Brazil! Mas agora já p'ra lá *bae* gente d'*oitras* nações, *allamões*, *intalianos* e *oitros*, que sabem fallar *á politega* e lêr as gazêtas e cá nós *nan* sabêmos nada d'isso. Ganham elles mais n'um mez qu'a gente n'um anno! Os melhores *impregos* são p'ra elles, que teem *estrucção*, e os mais ordinarios é que ficam p'ra nós.

—E quem tem a culpa d'isso *assucceder* aos portuguezes?

—No Rio de Janeiro todos os que tinham lastimas da nossa sorte *botabam* a culpa aos *gobernos* da monarchia que só *serbem* p'ra tirar a camiza ao *probe* povo e *nan* cuidam da sua *estrucção nan* do seu bem estar.

—Pois *nan* é a mingua de impostos e décimas cada vez *maóres* que *paguêmos*.

—Lá isso é *berdade, ti Atoino!* Mas que fazer! Se ao menos *inda* pudesse *appunder* a lêr! Mas agora... estou *cumo ó oitro...* burro *belho...*

—Lá *caul'a* isso, rapaz, *nan* t'arreceies, *qu'inda* estás a tempo.

—Temos agora cá na terra uma escola *noiturna* que já tem muita gente *marticulada*. E' pena ser de republicanos, *cumo* diz o nosso prior, mas, *tirante* isso, é bôa.

Inté lá anda o *Benancio* a *appunder* grammatica. Já *bês* que os burros *bêlhos*, *cumo* dizes, *tamêm* podem *appunder*.

—Oh! *ti Atoino!* E dizem tanto mal dos republicanos, *cando* elles estão sempre ao lado do povo para o defender e *estruir*. Agora percebo porque a monarchia nos quer *ingnorantes*. Pois *bou* já *marticular-me tamêm* e *cum* isto *m'arretiro...*

—Adeus, oh! *ti Atoino! Inté á prumeira.*

—Adeus, oh! Manél! *Felecedades!*

Aido de Cima.

O nosso collega *Progresso de Aveiro* mostra-se impaciente por saber o que se apurou no inquerito republicano sobre os acontecimentos de Lisboa, em 5 e 6 de abril. Não se agaste o illustre orgão progressista do districto.

Nada se faz sem tempo. O inquerito tem demorado um mez ou mais e o collega já acha demasiado? Então, que deveremos dizer de certos inqueritos monarchicos que tendo começado ha annos, ainda não se concluiram?!

Descanse o *Progresso* que todos muito lucrarão com o *raio* da demora. Estão apuradas coisas de muita sensação. Olá!

Um padre modelo

Praticou-se um crime odioso em Karwir, perto de Techen (Austria).

Um jesuita tinha sido chamado para junto duma joven tuberculosa moribunda, para lhe ministrar os ultimos sacramentos. Os paes da rapariga, tendo preparado tudo para a ceremonia, retiraram-se para deixar o padre cumprir o seu ministerio.

Comtudo, como o tempo passasse e o jesuita não saísse do quarto, os paes, anciosos, abriram a porta, e verificaram, com horror, que o confessor tinha violado a moribunda.

Foi immediatamente depostа uma queixa contra o infame auctor d'este monstruoso attentado.

No tribunal do Commercio foi no dia 14, apresentada pela firma Martins & Miranda, para citação dos reus, uma acção contra a snr.ª D. Maria Pia de Saboia e o snr. Infante D. Affonso.

Trata-se de uns fornecimentos de carnes de quantia superior a quatro contos de réis.

Sabemos que a firma auctora só recorreu aos tribunaes depois de empregar todos os meios para receber a divida amigavelmente.

NOTICIARIO

Caixa Economica d'Aveiro

Esta instituição, que entre os estabelecimentos similares da provincia póde considerar-se a primeira, celebrou, em 12 do corrente, as suas *bodas de ouro*.

Inaugurada em 1858 teve a Caixa Economica de Aveiro os mais modestos principios. Quantas vezes o velho Amaro dizia ter trazido n'um dos bolsos do casaco todo o thesouro d'aquella casa! Hoje, graças ao amor e ao interesse que lhe têm dedicado meia duzia de prestantes cidadãos, e ao seu credito, a Caixa Economica tem um movimento annual superior a dois mil contos.

Ainda ha pouco creou um premio de 30$000 réis para o estudante mais distincto do nosso lyceu, mobilou á sua custa as Escolas Centraes e concorre todos os annos com 500$000 réis para o Hospital e 100$000 réis para o Montepio Aveirense.

Libertando as classes pobres das mãos da agiotagem cruel, a Caixa Economica de Aveiro é uma instituição a todos os respeitos digna das nossas homenagens e das do publico.

O seu 50.º anniversario foi muito festejado. O edificio onde se acha installada conservou-se durante o dia vistosamente embandeirado e á noite ostentava uma linda illuminação veneziana.

A's 11 horas da manhã foram distribuidas muitas esmolas pela pobresa, subindo ao ar n'essa occasião e frequentes vezes de dia e á noite grande quantidade de girandolas de foguetes. Em um coreto postado na rua José Estevam a Banda dos Bombeiros Voluntarios executou, desde as 9 horas até á meia noite, um escolhido repertorio. A affluencia de povo ao local foi grande.

Cumprimentâmos a Direcção da Caixa Economica Aveirense, a quem felicitamos.

Excursão

Promovida por um grupo de socios da florescente Sociedade Recreio Artistico, realisou-se no domingo ultimo uma excursão velocipedica a Anadia, sendo a ida por Agueda e a vinda por Oliveira do Bairro.

A digressão correu sempre debaixo de boa direcção e ordem, levando todos os excursionistas um distinctivo no braço representando o emblema da Sociedade, com as suas côres, e a numeração ao centro a fim de seguirem por ordem numerica.

Em Anadia visitaram os excursionistas os Paços do Concelho, as cadeias, o parque do snr. José Luciano e os grandes armazens da Companhia Vinicola, onde lhes foi offerecida uma taça de champagne, terminando a sua visita no pittoresco passeio ao Crasto, onde se divisa um lindo panorama.

Tanto á sua sahida como á sua chegada á séde do Recreio, foram queimadas muitas girandolas de foguetes.

A' noite, realisou-se entre os excursionistas um jantar intimo, trocando-se numerosos brindes pelo exito de tão agradavel excursão.

Praça de touros

O sr. Domingos João dos Reis está levantando já a sua praça de touros ao Rocio. Segundo nos consta, o activo emprezario pensa inaugurar a epocha tauromachica em 14 de junho proximo.

Cem annos

Deve completal-os no dia 22 do corrente a snr.ª Quiteria Maria do Carmo, residente na rua de Jesus, d'esta cidade.

A boa velhinha, que foi muito conhecida das gerações academicas de outros tempos, está hoje completamente céga e entregue aos cuidados do snr. Padre Soares de Rezende, um estimavel sacerdote, que honra sobremaneira a sua classe.

Ria de Aveiro

Parece que será em breve publicado o regulamento da pesca na nossa ria. Assim o prometteu o snr. ministro da marinha a s. ex.ª o snr. governador civil.

Vamos lá a vêr... como diria o nobre regedor da «Marcha de Cadiz.»

Syndicancia

Por ter sido superiormente ordenada pelo ministerio do reino está-se procedendo a uma syndicancia aos actos do secretario da Camara Municipal d'este concelho, como encarregado do recenseamento politico. E' syndicante o snr. dr. Rocha Madail.

Carreira de tiro na Gafanha

Tem havido grande concorrencia de atiradores civis aos domingos na carreira de tiro da Gafanha, superiormente dirigida pelo snr. capitão Peres.

O serviço de tiro a cargo do snr. alferes Figueiredo, ajudante do director da carreira, tem corrido muito bem, achando-se todos os atiradores alli inscriptos muito penhorados para com os distinctos officiaes, pela sua amabilidade e pelo empenho que manifestam pelos progressos do tiro civil.

De hoje em diante publicaremos o boletim do movimento de atiradores civis na carreira.

DOMINGO, 10 DE MAIO

Já classificados na 1.ª classe, exercicios de tiro livre: José Sacramento, João Machado, Alberto Ratolla, Cunha Gil e Manoel Sacramento.

De 1.ª classe, fizeram fogo em varias sessões: Nunes Guerra, Mario Duarte e Simões Vieira.

De 2.ª classe: Abilio Trancoso, Joaquim Ribeiro Cardadeiro e Delfim Maia.

De 3.ª classe: Constantino Ferreira, José da Costa Ferro, João da Costa Ferro, Ernesto Vidal, Antonio dos Santos Madail, Tavares Lebre, Santos Pato, Rodrigues dos Santos, Rocha Netto, Dias Baptista, Silva Leite e Francisco Sarabando.

Julgamento

Effectuou-se no Tribunal da comarca, em 12 do corrente, a audiencia geral em que foi julgado o reu Antonio Marques, de Ilhavo, accusado de furto da quantia de 118$000 réis a Maria Peralta, d'alli.

O jury deu o crime como provado com attenuantes, pelo que foi o reu condemnado em dois annos de prisão maior cellular e multa, sem custas por ter mostrado ser pobre.

Bilhetes postaes

A folha official de sabbado ultimo publica uma portaria determinando que a casa da moeda e papel sellado proceda á emissão de bilhetes postaes simples e de resposta paga, das taxas de 10 e de 20 réis, com a frente dividida em duas partes eguaes por meio de um traço perpendicular á maior das suas dimensões, sendo a direita reservada ao endereço e a esquerda e mais o reverso á correspondencia.

COMMUNICADO

Cão da monarchia

Na noite do dia 6, encontrando-me eu, casualmente, na rua de José Estevão com uma banda de musica, que tocava o hymno da carta, muitos rapazes, que empunhavam archotes, e alguns trabalhadores que davam vivas aos homens mais eminentes do partido republicano, fui aggredido por João Baptista Moreira, o qual me mordeu no labio inferior.

Tão surprehendido fiquei que não pude defender-me:— apenas agarrei o animal bravio, entregando-o á policia que o prendeu **e o pôz, em seguida, em liberdade!**

Ora, isto será singular para quem não souber que o typo é galopim afamado, e que estava encarregado de organisar uma manifestação em honra do rei.

E como a manifestação custou cara, e foi uma vergonha, o typo damnou-se e mordeu o primeiro que encontrou, porque, diz elle, é injusto que os republicanos perturbem as manifestações monarchicas, quando os monarchicos não perturbam os republicanos. Ora os republicanos não perturbaram a manifestação; apenas a *modificaram;* na manifestação iam muitos republicanos a isso constrangidos, e esses homens apenas podiam soltar gritos saidos do fundo das suas consciencias; isto é, gritos de protesto contra um estado de coisas que vai perdendo este grande paiz, gritos de amor por um ideal conhecido como o unico salvador e que já tem raizes fundas na consciencia do povo.

Nas manifestações monarchicas, só se salientam os que esperam obter algum emprego publico, para os quaes a palavra Patria só significa interesse.

Por isso, taes manifestações são sempre frias e hypocritas. Quem n'ellas faz mais estronдo são as musicas.

Pelo contrario, as manifestações republicanas são feitas por homens que vivem difficil, mas honradamente com o producto do seu trabalho, e por isso buscam um ideal de paz e d'amor que governe o paiz sem outra divisa que não seja honra e labor.

Estas manifestações não são premeditadas; por isso são imponentes; ninguem lhes paga para irem para a rua, por isso são sinceros; d'ahi o serem perturbados pelos monarchicos com golpes de sabre e tiros de espingarda, derramando sangue e matando gente.

Alguns, como ultima invenção, empregam tambem a dentada.

Aveiro, 14—5—908.

FIRMINO SOARES DOS REIS.

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Para os effeitos do artigo quatrocentos e quarenta e oito do Codigo do Processo Civil, se annuncia que por Deolinda Augusta da Cruz Ferreira ou Deolinda Augusta Pereira da Cruz, proprietaria, d'Aveiro, foi proposta n'este juizo acção de separação de pessoas e bens contra seu marido Manoel Tavares Ferreira, proprietario, residente em Ovar.

Aveiro, 14 de maio de 1908.

Verifiquei. O Juiz de Direito,
Ferreira Dias.

O escrivão do 3.º officio,
Albano Duarte Pinheiro e Silva.

SAPATARIA
DE
ANTONIO DOS SANTOS LE

RUA DOMINGOS CARRANCHO
AVEIRO

Deposito *de calçado em todas as medidas e qualidades, para homem, senhora e creança.*

Confecção *de calçado por medida pelos figurinos mais modernos, garantindo perfeição e optima qualidade dos cabedaes.*

PREÇOS MODICOS

POMPILIO RATOLLA

OURIVES—RELOJOEIRO

RUA DE JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Objectos d'ouro de fino gosto e de todos os feitios.

Pratas lavradas e de phantasia.

Chrystaes guarnecidos a prata.

Estojos para brindes.

Bengalas com castão de prata desde 2$000 réis.

Relogios de bolso, parede e meza.

Despertadores e o artistico relogio **Republicano.**

Pedras finas e diversos objectos de luxo. Completo sortido.

Concertos em relogios, ouro e prata.

PREÇOS BARATISSIMOS

Tabacaria e Livraria Central

DE

BERNARDO DE SOUSA TORRES

Praça do Commercio—AVEIRO

Vende tabacos, livros commerciaes e de estudo, papel e mais objectos d'escriptorio, vinhos finos e communs (engarrafados), licôres nacionaes e estrangeiros, etc., etc.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Mercearia, papelaria e vinhos

DE

Manoel Ferreira da R. Leitão

49, RUA DIREITA, 51

AVEIRO

N'este novo estabelecimento, montado nas melhores condicções de bem servir o publico, encontram-se expostos:

Completo sortido de mercearia e papelaria;

Variado sortido de artigos para brindes e objectos de escriptorio;

Conservas alimenticias;

Bolachas e biscoitos, manteiga e queijos;

Vinhos finos do Porto e Madeira, e communs de diversas procedencias;

Cognacs, licôres, genebias e cervejas, fructas seccas e crystalisadas;

Fantasias em chocolate e bombons, pastilhas, drops e rebuçados.

Grande quantidade de bilhetes postaes illustrados em todos os generos.

Preços commodos

Seriedade nas transações

AGUAS DA CURÍA

Vendem-se no estabelecimento de

BERNARDO TORRES

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

GARRAFAS

compram-se na padaria e mercearia Ferreira, de

Manoel Barreiros de Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como artigos de mercearia, que tudo vende por preços excessivamente modicos.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10—RUA DO CAES—12

AVEIRO

Loja de chá, café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licôres e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.

BICO AUER

Installações gratuitas com **conservação** do material por assignatura por mez ao preço de **150 réis.**

A **installação** dos bicos é feita com manga de seda **Auer-Plaissety**, chaminés intensivas, reflectores ou abats-jours modernos e reguladores especiaes, destinados a assegurar uma pressão regular e um consumo constante, menos 50 p. c. do que outro qualquer bico, e uma luz intensissima.

A **conservação** comprehende a limpeza do material, pelo menos uma vez por mes, e a substituição de mangas e outros accessorios, sem mais despeza.

Para mais esclarecimentos, queiram entender-se com o representante n'esta cidade BAPTISTA MOREIRA—Rua Direita.

OFFICINA DE CALÇADO

ANTONIO RODRIGUES PINTO

18, RUA DO CAES, 19—AVEIRO

Especialidade em calçado de vitella com solaria de anta e borracha. Solas e cabedaes de primeira qualidade.

Typ. "Minerva Central„

de JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

Rua Tenente Rezende

AVEIRO

Especialidade em cartões de visita: de phantasia, brancos e de luto, em diversos formatos

TRABALHOS TYPOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS

Variada collecção de cartões de phantasia, para participações de casamento, menus, etc., etc.

Impressos para repartições publicas e particulares, pelos preços dos depositos de Lisboa, Porto e Coimbra, fazendo ainda descontos em grandes fornecimentos.

Impressão de livros, jornaes, facturas, talões, diplomas para associações, mensagens, representações, cartas commerciaes com tintas de cópia.—Picotagem e numeração de talões.

Primorosa e rapida execução de todos os trabalhos, para o que tem machinas, collecções de typos e tarjas do mais fino gosto, vindos das primeiras casas allemãs, francezas, etc., e tintas das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

A unica casa que, pela perfeição, bom gosto, nitidez e modicidade de preços dos trabalhos, não tem competidor em todo o districto d'Aveiro.